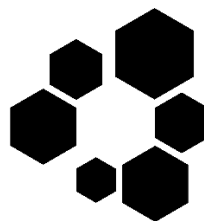




ANOS
MÚSICA
UFG

EM
ESCOLA DE
MÚSICA



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

Goiânia, 30 de junho de 2026
MINIAUDITÓRIO – EM/UFG – 13:10
Coordenação:
Ana Flávia Frazão/Marília Álvares/Luciano Pontes

MÚSICA DE CÂMARA - PROVA PÚBLICA

PROGRAMA

Edmundo Villani-Côrtes (1930)

Cinco Miniaturas Brasileiras

I. Prelúdio

II. Toada

III. Choro

IV. Cantiga de Ninar

V. Baião

Isaac Soares Costa, violino

Liliana Paranhos Avelar, violão

Compostas em 1978, as Cinco Miniaturas Brasileiras são um marco no resgate de matrizes populares brasileiras sob a ótica das técnicas modernas de composição. Esta suíte representa uma síntese brilhante entre a música de concerto e as raízes folclóricas, explorando climas contrastantes que refletem a pluralidade da cultura brasileira. Concebida originalmente para flauta doce e piano, a obra ganhou grande sucesso e, atendendo a pedidos, o próprio compositor e outros arranjadores adaptaram-na para diversas formações instrumentais. Reconhecida por sua maleabilidade camerística, conta atualmente com cerca de 15 arranjos diferentes. Dentre eles, a versão para flauta e violão, elaborada pelo próprio compositor, possui uma textura que se adapta perfeitamente para o duo de violino e violão.

A performance desta suíte amadureceu ao longo do ano letivo, guiada pelo aprofundamento técnico-estilístico, escuta ativa constante, flexibilidade e diálogo. O contraste entre a sensibilidade lírica do Prelúdio, da Toada e da Cantiga de Ninar e a energia rítmica do Choro e do Baião exigiu dedicação técnica e versatilidade expressiva. O resultado consolida uma jornada dedicada à celebração do rico legado musical brasileiro.

Serge Koussevitzky (1874-1951)

Chanson Triste, Op 2 (1906)

Villani-Côrtes (1930)

Choron (1979)

Carol Castro, contrabaixo

Maria Fernanda Machado, piano

As duas obras valorizam possibilidades do contrabaixo enquanto solista com a colaboração intensa do piano que protagoniza momentos de solo e de acompanhamento. Chanson Triste explora o potencial melódico e lírico do contrabaixo bastante divulgado pelo próprio compositor que foi virtuose do instrumento e importante regente do século XX. As frases cantábile sobre arpejos exigem refinado controle de dinâmica das musicistas. O título “Choron” mescla a palavra choro com o apelido da contrabaixista Gê Côrtes “On”, filha do compositor pra quem a obra foi dedicada. A peça explora de forma idiomática os diálogos entre os instrumentos evidenciando elementos rítmicos e harmônicos do choro brasileiro. As síncopes e acentos típicos do gênero, exigem precisão nas articulações e sincronismo.

Johann Sebastian Bach (1685-1750)
“*Mein Freund ist mein!*”, da Cantata BWV140
“*Wachet auf, ruft uns die Stimme*”

Náthalli Vitória Araújo Rodrigues Goulart, soprano
Celso Junior Silva Ferreira, barítono
Daniel Gladson Valério De Sá, piano

A peça “*Mein Freund ist mein!*” (Meu Amado é meu!) foi composta em 1731 e pertence à Cantata BWV 140, “*Wachet auf, ruft uns die Stimme*” (Desperta, a voz nos chama), uma obra-prima do período Barroco baseada na ‘Parábola das dez Virgens’ e no ‘Cântico de Salomão’. O dueto é o sexto movimento dessa cantata e ilustra a união entre a Alma humana (Soprano) e Jesus (Barítono). O compositor demonstra essa alegria dos personagens através de um rico e dançante diálogo musical onde as melodias se entrelaçam, imitam e se completam em um contraponto que também dialoga com a linha instrumental, inicialmente composta para contínuo e oboé *d’amore*, representada aqui pela redução para piano.

Ao longo do semestre, o nosso maior desafio foi unir o dueto vocal ao piano. Nos ensaios, buscou-se a estabilidade do piano num andamento que mantivesse a fluidez. Outro ponto foi entender e alinhar as melodias individuais, um trabalho que exigiu precisão das notas, compreensão dos ornamentos, sincronia das frases e equilíbrio dos timbres, além da realização de contrastes de dinâmica (para simular as imitações entre oboé e as vozes) e compreensão da importância da articulação no acompanhamento do piano para emular o estilo. O trabalho musical foi sendo lapidado no decorrer de cada encontro e o amadurecimento da nossa musicalidade ao tocar em grupo, com o desenvolvimento de uma escuta sensível, foi o principal ganho dessa experiência.

Joseph Bodin de Boismortier (1689–1755)
Sonata em Ré menor, Op. 40, nº 1
Allegro
Adagio
Allegro

Heitor Morais Pereira, trombone
Matheus Casagrande, trombone

Joseph Bodin de Boismortier foi um compositor francês do período barroco conhecido por suas obras de câmara marcadas pela elegância e clareza musical. Publicada em 1732, a Sonata em Ré menor, Op. 40, nº 1 originalmente composta para dois instrumentos graves, reflete o refinamento da música francesa do século XVIII, explorando o diálogo entre as vozes e os contrastes de caráter. A obra é estruturada em três movimentos; Allegro, Adagio, Allegro, que

alternam momentos de energia, leveza e expressividade, evidenciando a riqueza e o equilíbrio característicos da música de câmara barroca. A adaptação para duo de trombones foi realizada por Joseph Alessi e Michael Sachs a partir da edição compilada do livro 14 Duets for trombone.

G. Fauré (1845-1924)
Deux Duets, Op. 10 (1873)

Júlyla Martins, soprano
Rafaela Oliveira, mezzo-soprano
Sara Rodrigues Ferreira, piano

Ao longo deste semestre, a construção da performance de "Deux Duets", Op. 10, de Gabriel Fauré compostos em 1873, foi uma jornada de descoberta musical e trabalho em equipe. A obra, escrita para soprano e mezzo-soprano exige um diálogo sonoro que desvendamos a cada aula. O primeiro duo, *Puisqu'ici-bas toute âme*, com poema de Victor Hugo, tem caráter íntimo e contemplativo; já o segundo, *Tarentelle*, poema de Charles Van Lerberghe, é vivo e saltitante, com ritmo contagiante como o da dança popular do sul da Itália. *

Um grande desafio para nós intérpretes foi alcançar o equilíbrio vocal e a integração com o piano. Tivemos que aprender a nos ouvir mutuamente e perceber a guia do acompanhamento. Para a pianista, o principal desafio foi construir uma interpretação conjunta: em "Puisqu'ici-bas", exigiu-se escuta atenta para respeitar respirações e dinâmicas; já em "Tarentelle", o andamento rápido pediu precisão rítmica e segurança técnica, mantendo o equilíbrio sonoro. Com os ensaios, o acompanhamento tornou-se mais natural, fortalecendo a conexão musical e tornando a performance mais expressiva. Apesar de ser uma peça exigente, o processo foi enriquecedor para ambas.

*"O nome deriva da cidade de *Taranto* e está profundamente ligado à antiga lenda do "tarantismo". Na Idade Média, acreditava-se que a picada da aranha tarântula (comum na região) causava febres, alucinações e uma letargia que só poderia ser curada através da dança. Para supostamente expelir o veneno, as vítimas dançavam freneticamente ao som de instrumentos como pandeiros, acordeons e bandolins. A música tem um andamento acelerado que aumenta progressivamente até atingir uma velocidade vertiginosa. Dança-se em pares ou grupos dispostos em círculos, girando no sentido horário e mudando de direção e de parceiro conforme o ritmo se intensifica."

Kaspar Kummer (1795 – 1870)
Deux Duos pour Flute et Clarinette - op.46
Allegro
Allegretto con moto

Elen Giovana de Oliveira Moreno, clarinete
Ruan Carlos Silva Lima, flauta

Os Deux Duos pour flûte et clarinette (Dois Duetos para Flauta e Clarinete), de Kaspar Johann Kummer, são obras-primas de música de câmara para sopros do século XIX. Kaspar Kummer era um virtuoso da flauta e compreendia profundamente as capacidades técnicas e expressivas dos instrumentos de sopro. Seus duetos refletem a transição entre o Classicismo tardio e o Romantismo, priorizando a elegância, a clareza formal e o lirismo. Ao contrário de muitas peças da época que colocavam a flauta como protagonista absoluta e os outros instrumentos como mero acompanhamento, nesta obra, Kummer adota uma abordagem estritamente democrática, onde os dois instrumentos alternam constantemente os papéis de solista e acompanhador. O compositor também faz uso frequente de imitação, onde um instrumento repete um tema recém-apresentado pelo outro instrumento. A forma estrutural dos duetos de Kummer, são

divididas em três movimentos que equilibram perfeitamente virtuosismo e elegância, sendo eles; Allegro, Andante poco adagio e Allegretto con moto. No primeiro movimento o compositor faz uma abertura da peça com um diálogo vivo e equilibrado, onde os dois instrumentos alternam constantemente o papel principal em uma conversa ágil. Já no segundo, ele traz profundo lirismo e introspecção, funcionando como uma ária intimista explorando o registro grave do clarinete em contraste com a leveza solene da flauta. Ao final, encerra a obra em clima de dança festiva, destacando-se por um refrão alegre e passagens de grande agilidade técnica que exigem uma sincronia impecável do duo.

L. Spohr (1784 – 1859)

Do ciclo de 6 canções op. 103 para canto, clarinete e piano
Sei still mein Herz

Amanda Kelly Dias Pereira, canto

Marcos Felipe Godoy, clarinete

Sebastian Calaça Pedraza, piano

Louis Spohr foi um grande compositor, maestro e virtuoso violinista alemão que atuou no início do século XIX, na transição do período Clássico para o Romântico. Suas mais renomadas obras são os Concertos para violino e Sinfonias. O belo repertório conta ainda com Óperas, Oratórios e vasta Música de Câmara. O ciclo de canções Sechs Deutsche Lieder, Op. 103, é uma joia musical para soprano, clarinete e piano. No decorrer do semestre, foram trabalhadas as canções Sei still mein hertz (No. 1), Sensucht (No. 3) e Wiegenlied (No. 4), porém somente a primeira foi escolhida para ser apresentada na prova pública por adequar-se à duração da avaliação. As canções, de um lirismo intimista, contam com diversos momentos em que uma melodia é realizada em uníssono por dois integrantes ou pelo grupo inteiro, exigindo uma escuta ativa a fim de construir em sincronia as belas frases expressivas, respirações, rubatos e os diálogos musicais entre os instrumentos e a voz. Dentre as peças trabalhadas, a primeira canção, Sei still mein Herz, é aquela que apresenta maior desafio técnico, pois seus arpejos e escalas situam toda atmosfera sentimental da obra, desde momentos de calma até as frases mais vigorosas. Seu texto é uma tentativa de acalmar um coração angustiado.

Elaine Fine (1959)

Three Character Pieces

Jilton Franz Santos Andrade, clarinete

Ricardo Escher, viola

Three Character Pieces (and one Transcription) for Clarinet and Viola, de Elaine Fine, é uma obra de música de câmara composta em 2013 para a formação de clarinete e viola. Inserida no repertório contemporâneo, a peça apresenta uma linguagem acessível e expressiva, característica da escrita da compositora, que combina elementos tonais com recursos modernos. A obra explora as possibilidades tímbricas e o diálogo entre os dois instrumentos, valorizando suas semelhanças de registro e capacidade de expressão. A composição é formada por três peças de caráter distintas e uma transcrição de uma obra de Joseph Haydn, estabelecendo uma conexão entre a música contemporânea e a tradição clássica. Cada movimento possui uma atmosfera própria, variando entre momentos líricos, fluentes, elegantes e dançantes. Dessa forma, a obra evidencia o interesse de Elaine Fine pela diversidade expressiva e pela clareza musical, contribuindo para a ampliação do repertório camerístico para clarinete e viola.

D. Shostakovich (1906 – 1975)

Das 5 peças para dois violinos e piano

Elegia

Valsa

Polca

Calebe Alves Araújo, violino
Wanderson Lopes Santana, violino
João Vitor Dib Dangoni, piano

Shostakovich foi um dos mais importantes compositores russos do século XX, conhecido por escrever obras que abordam temas como guerra e melancolia, mas também por criar belíssimas melodias com um certo aspecto inocente, até mesmo infantil. As peças que escolhemos para a disciplina pertencem a um conjunto de cinco arranjos feitos para dois violinos e piano pelo seu amigo violinista Levon Atovmyan, que evidenciam esse lado mais acessível do compositor. Nosso principal desafio durante o semestre foi construir uma unidade interpretativa, especialmente em relação às articulações entre os dois violinos. Embora a escrita musical seja relativamente simples, alcançar precisão entre os instrumentos de cordas exigiu um cuidadoso trabalho de escuta e diálogo. Além disso, o grande número de gravações desse conjunto de peças nos apresentou inúmeras possibilidades interpretativas. Escolher a nossa própria forma de expressão musical entre tantas opções e, ao mesmo tempo, conciliar as ideias de cada um do trio para se ter uma interpretação equilibrada e coerente foi desafiador. Nesse percurso, as aulas desempenharam um papel essencial, contribuindo para nossas escolhas artísticas e para o refinamento de aspectos técnicos e musicais que, muitas vezes, passavam despercebidos durante os ensaios.

Oskar Bohme (1870 - 1938)

Scherzo para 2 trompetes e piano opus 10

João Gabriel Romano, trompete
Thiago André Alves, trompete
Nicolas Antony, piano

Oskar Böhme foi compositor, trompetista e cornetista alemão. Nasceu na cidade de Freital, e estudou no Conservatório de Leipzig, onde se aperfeiçoou como instrumentista com o professor Ferdinand Weinschenk, e compositor, com Kornelius Gurlitt, Victor von Herzfeld e Salomon Jadassohn. Apesar de nascer e estudar na Alemanha, Oskar Böhme passou a maior parte da vida na Rússia, fator que caracterizou seu estilo como parte do Romantismo Russo. O Scherzo, Op. 10 é uma peça de câmara em que os dois trompetistas atuam como parceiros iguais. Em vez de um instrumento apenas acompanhar o outro, Böhme constrói um diálogo constante entre as duas vozes. Os temas são compartilhados, respondidos em conjunto, criando uma conversa. O piano também tem papel importante. Ele não se limita ao acompanhamento harmônico, mas impulsiona o movimento da obra e participa do diálogo com os trompetes, reforçando o caráter brilhante e enérgico típico de um scherzo.

**Professores da Disciplina e Banca Examinadora
(2026 - 1)**

**Ana Flávia Frazão, Helvis Costa
Johnson Machado, Luciano Pontes
Marília Álvares, Marcos Botelho
Sônia Ray, Vanessa Bertolini**